

AUTÊNTICA ADORAÇÃO CRISTÃ:
DESCOBRINDO O CRITÉRIO DE WESLEY

por

Todd A. Stepp, D. Min., O.S.L.

Grace Church of the Nazarene

Evansville, Indiana

tastepp@insightbb.com

<http://wesleyananglican.blogspot.com>

Tradução para português: Priscila Guevara

Edição: Raquel Alves Espinhal Pereira

Conferência Teológica Wesleyana

Março de 2009

Uma Introdução ao Problema

O movimento americano de santidade do século XIX foi um avivamento da ênfase na perfeição Cristã de João Wesley. As denominações identificadas com este movimento - especialmente aquelas com fortes ligações eclesiásticas à sua herança metodista - têm, conscientemente, tentado permanecer nos ensinamentos wesleyanos.

No entanto, muitas têm-se extraviado do Sr. Wesley relativamente à sua compreensão e prática da adoração. A minha própria denominação, a Igreja do Nazareno, como outras igrejas wesleyanas de santidade, tem sido rápida a adoptar a fé de Wesley, do coração aquecido, mas tem falhado em ser tão entusiasta acerca das suas inclinações litúrgicas/sacramentais. O Metodismo americano em geral tinha trocado, desde cedo, a versão de Wesley do *Book of Common Prayer* [Livro de Oração Comum], que ele intitulou de *The Sunday Service of the Methodist in North America (The Sunday Service)*, para o avivamento da fronteira americana (o Prayer Book de João Wesley [Livro de Oração Comum]). À medida que as reuniões em tendas foram adoptadas pelos proponentes da santidade, a inteira santificação tornou-se o ponto focal. A iminência da experiência, a espontaneidade e os sentimentos tinham uma função principal neste movimento.

A preocupação para que as pessoas experimentassem o novo nascimento e que os crentes avançassem para a experiência da inteira santificação tem levado a Igreja do Nazareno e as denominações wesleyanas de santidade a adoptarem um modo revivalista da pregação com apelos ao altar de forma a levar as pessoas a essas experiências cristãs. A compensação de um sentido da presença e espontaneidade do Espírito Santo tem levado à diminuição da importância da adoração sacramental, que é, frequentemente, vista como parte da religião formal, não espiritual e morta.

Como Brad Estep diz, “O movimento de santidade do século XIX não foi um movimento de reforma litúrgica, mas sim o movimento de uma ênfase doutrinal compreendida como tendo sido perdida” (98). James R. Spruce, depois de reflectir sobre vários relatos iniciais da adoração nazarena, conclui dizendo, “Os nazarenos adoram – ou mais precisamente, celebram!” (39). Ele entende o seu comentário como sendo positivo, mas eu vejo-o como o assunto em questão. O que esses primeiros nazarenos e outros wesleyanos fizeram é, mais adequadamente, descrito como celebração, não adoração. Como Randall E. Davey correctamente afirma, “No zelo dos primeiros nazarenos de promover a santidade e ministrar aos pobres, parece justo dizer que eles abraçaram, de forma não crítica, uma forma de adoração moldada pelo pragmatismo, racionalismo, autoconfiança, piedade pessoal e inovações” (3-4). Como David Pendleton tem dito, “A experiência tende a ser levada ao emocional e focada no ego. Por outras palavras, temo-nos juntado para ser alimentados espiritualmente em vez de nos oferecermos em adoração a um Deus Santo” (11-12).

Como denominação, os primeiros nazarenos não operaram como resultado de uma teologia consciente de adoração. Até mesmo hoje, os nazarenos não têm nenhuma teologia oficial da adoração. Cada pastor e cada congregação decide como adorar a Deus. À medida que a cultura tem mudado, muitos nazarenos têm percebido que as formas de adoração das reuniões em tendas do século XIX já não são viáveis. Eles têm, então, buscado direcção em várias fontes:

Com o advento do movimento do Crescimento da Igreja dos anos setenta, a Kennedy School of Evangelism e o fenómeno Willow Creek de 1980, os nazarenos têm-se tornado cada vez mais ecléticos na adoração, ao ponto do desconforto de alguns, o desprazer de outros e o deleite de não poucos.

Depois de noventa anos de relativo silêncio sobre as rúbricas da adoração, os nazarenos estão prontos para “assumir o controle”. Com a sua tendência pragmática e propensão para a inovação, eles têm pressionado os extremos do “espírito” e “estrutura”, levados por um ardente desejo de “fazer crescer a igreja.” (Davey 12)

Como a sua herança dos primeiros nazarenos, a procura por padrões efectivos de adoração tem frequentemente sido levada por um pragmatismo, não crítico, que tem premiado um emocionalismo que tende a ser focado no eu. Uma fonte ausente na busca dos nazarenos por orientação na área da adoração é o patriarca espiritual da denominação, João Wesley.

Quando buscam em Wesley orientação relativamente à adoração, encontram um forte contraste com as fontes acima. Wesley era certamente o pai da religião do coração aquecido. Ele estava comprometido com o evangelismo. Ele estava preocupado com a presença genuína do Espírito Santo nas vidas dos adoradores, mas o padrão encontrado nele é aquele de uma “estrutura *via* [ênfase original] o espírito.” Este mesmo evangélico de coração aquecido era também um “Grande Homem da Igreja, o filho de um Grande Homem da Igreja” (Wesley, *Journal* 325):

Tanto [ênfase original] o espírito como a estrutura eram importantes e eles não eram mutuamente exclusivos. A estrutura não era oposta ao espírito, mas era o seu próprio canal. As formas de adoração, cultos com ordem, o Livro de Oração Comum, hinos que dirigiam a alma para Deus, credos antigos, orações escritas e outros como esses eram os próprios canais pelos quais Deus podia enviar o Seu Espírito convincente, regenerador e santificador. Eles eram “meios da graça.” (Staples 288)

Se os nazarenos e outros cristãos wesleyanos buscassem orientação em João Wesley relativamente à adoração, iriam descobrir um critério muito diferente daqueles presentemente adoptados por muitos nazarenos.

Fundamentos Bíblicos/Teológicos

A tarefa fundamental da Igreja é adorar a Deus. A primeira questão no “Westminster Shorter Catechism” [Breve Catecismo de Westminster] busca identificar o objectivo principal da humanidade. A resposta dada no Catecismo está exactamente correcta: “glorificar a Deus e desfrutar d’Ele para sempre” (200). A ordem do conteúdo dessa resposta é significativa. Glorificar a Deus está primeiro.

São inúmeros os exemplos de passagens da Escritura que mandam ou chamam o povo a adorar. Uma dessas passagens é 1 Crônicas 16:29: “Dai ao Senhor a glória do seu nome; trazei presentes e vinde perante Ele: adorai ao Senhor na beleza da sua santidade”. É claro que as Escrituras incluem outros mandamentos e muitos dentro da Igreja apontariam para a Grande Comissão. Eles argumentariam que a tarefa fundamental da Igreja é o evangelismo. O facto é que ambos são importantes e nenhum pode ser deixado de lado. No entanto, quando as pessoas olham para Mateus 28:17, descobrem que a Grande Comissão é dada no contexto da adoração. Além disso, Jesus resume todos os mandamentos no Grande Mandamento: “Amarás, pois, ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento.” (Marcos 12:30). Esta passagem é um mandamento de adoração.

Os primeiros quatro dos Dez Mandamentos assumem o papel do povo como adorador:

“Eu *sou* o Senhor, teu Deus... Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura... Não te encurvarás a elas, nem as servirás: porque eu, o Senhor, teu Deus, *sou* Deus zeloso... Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão... Lembra-te do dia do sábado, para o santificar... Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus.” (Êxodo 20:2-10)

A criação requer que a adoração seja vista como uma actividade fundamental das pessoas. A ideia de que as pessoas foram criadas chama-as a estarem em admiração perante o seu Criador, a adorarem o seu Criador, e a louvar o seu Criador.

Jesus diz à mulher samaritana que o Pai procura adoradores que O adorem em espírito e em verdade (João 4:24). Jesus, durante as Suas tentações no deserto diz ao diabo que “...porque está escrito: Adorarás o Senhor, teu Deus, e só a Ele servirás” (Lucas 4:8). Jesus é visto como apoiando a prática de adoração de Israel no templo, na sinagoga e ao observar as festas religiosas.

A Igreja do Novo Testamento enfatizava a importância da adoração. Ao longo do livro de Actos e das epístolas, os leitores vêem o envolvimento contínuo dos cristãos com o padrão de adoração judeu estabelecido. Em adição aos cultos da Palavra encontrados na adoração da sinagoga, os primeiros cristãos encontravam-se em casas para celebrar a Eucaristia. Além disso, Hebreus 10:25 avisa os cristãos a não negligenciarem os encontros juntos, que Wesley compreendia como sendo os encontros para adoração conjunta (*Explanatory Notes* 585).

Pelo facto da adoração ser a tarefa fundamental da Igreja e visto que a adoração da Igreja é dirigida para Deus, então a adoração requer a maior consideração dos cristãos. De facto, Wesley compreendia a adoração corporativa como sendo essencial ao cristianismo, que, no seu quarto discurso, “Upon our Lord’s Sermon on the Mount” [Acerca do Sermão da Montanha, do nosso Senhor] diz, “Por cristianismo eu refiro-me ao método de adorar a Deus que é aqui revelado ao homem por Jesus Cristo” (*Works Bicentennial* 1: 533). Mark Horst está correcto em citar que, para a tradição wesleyana, a adoração no seu sentido mais alargado “engloba não apenas rituais públicos e devoções privadas, mas a vida cristã na sua plenitude” (297). No entanto, a adoração corporativa é essencial para essa vida cristã. Wesley argumenta que “o cristianismo é essencialmente uma religião social, e que torná-lo numa religião solitária é, de facto, destruí-lo” (*Works Bicentennial* 1: 533).

Wesley, de acordo com James F. White, expôs uma visão para a vida cristã firmemente construída na base dos “meios da graça dados por Deus, particularmente o sacramento, a Escritura e a oração” (Introdução 10). Wesley baseou o seu padrão da vida cristã numa “comunidade que se junta cada domingo para um tempo de oração matinal e nocturna, e para celebrar a Santa Ceia ‘em cada Dia do Senhor’” (9).

Wesley desenvolveu uma compreensão da adoração na vida cristã de passagens da Escritura como Actos 2:42: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações”. Quando comentando este versículo, Wesley diz, “Então a sua comunhão diária de igreja consistia nestes quatro particulares: 1. Ouvir a palavra; 2. Ter tudo em comum; 3. Receber a Santa Ceia; 4. Oração” (*Explanatory Notes* 281).

Ao falar sobre Colossenses 2:20, Wesley insiste que esta passagem se refere a uma liberdade das ordenanças judaicas. Ele insiste que os cristãos ainda são obrigados a observar as ordenanças de Cristo.

Consequentemente, isto não tem nenhuma referencia às *ordenanças de Cristo* [ênfase original], tal como a oração, comunicar e estudar as Escrituras. (3) O próprio Cristo disse que “O homem *deve* [ênfase original] orar sempre”, e manda “a que não esqueçamos de nos congregarmos juntos”, a “estudar as Escrituras,” e comer o pão e beber o vinho “em lembrança d’Ele.” (4) Os *mandamentos* [ênfase original] de Cristo *obrigam* [ênfase original] todos que são chamados pelo Seu nome, sejam (em rigor) crentes ou descrentes, a ver que “quem quer que quebre o menor destes mandamentos deve ser chamado o menor do reino dos céus” (*Works Bicentennial* 19: 156)

Assim, Wesley baseou a sua compreensão de muitos dos actos de adoração nos mandamentos claros de Cristo. Ao ligar as palavras do Senhor acerca da oração de Lucas 18:1 ao mandamento acerca de se congregarem de Hebreus 10:25, Wesley demonstra o seu pressuposto de que o mandamento para orar inclui oração dentro do contexto da adoração corporativa.

Além disso, Wesley compreende tais actos de adoração corporativa como meios da graça. Ele diz, “Deus tem ordenado nas Escrituras a oração, o ler ou o escutar, e receber a Santa Ceia, como os meios normais para transmitir a Sua graça ao homem” (*Works Bicentennial* 19: 157). De forma a demonstrar a oração como um meio da graça, Wesley refere-se a Mateus 7:7 e Lucas 11:9 onde Cristo insiste que se os cristãos pedirem, em oração, irão receber (157). Wesley demonstra que ler e escutar as Escrituras são meios da graça apontando para Romanos 10:17 e 2

Timóteo 3:16-17. Ele diz que cada cristão sabe, por experiência, que “todas as Escrituras são proveitosas,” ou um meio para esse fim, “que o homem de Deus deve ser perfeito, completamente habilitado para todas as boas obras” (158).

Wesley insiste que na igreja da antiguidade todos os crentes batizados participavam, todos os dias, no sacramento da Santa Ceia. Esta afirmação é apoiada ao referir o relato de Actos 2:46 que “...perseverando unânimes, todos os dias, no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração” (*Works Bicentennial* 19: 158). Nas suas *Explanatory Notes*, Wesley comenta acerca desta passagem: “*Continuando diariamente – partindo o pão –* [ênfase original] na Santa Ceia, como fizeram muitas igrejas durante alguns anos” (Actos 2:46. Ele ainda insiste que a “Ceia do Senhor foi ordenada por Deus para ser um *meio de transmitir graça* [ênfase original] aos homens, seja *graça preveniente* [ênfase original], *justificadora* [ênfase original] ou *santificadora* [ênfase original], de acordo com as suas várias necessidades” (*Works Bicentennial* 19: 159).

A adoração wesleyana, então, é mais do que mera forma exterior. A adoração wesleyana leva os adoradores à presença de Deus, onde eles, amorosamente, contemplam a Sua santidade (Horst 297):

Quer eles apareçam na grande congregação para “dar honra devida ao Seu nome e adorá-Lo na beleza da santidade;” ... quer estudem os oráculos de Deus ou oiçam os embaixadores de Cristo a proclamar as boas novas da salvação; ou para comer o pão e beber do cálice “anunciado a Sua morte até que Ele venha” nas nuvens dos céus. Em todos esses seus modos por Ele designados, eles encontram uma tal abordagem próxima que não pode ser expressa (*Works Bicentennial* 1: 514).

A adoração cristã usa formas exteriores para nos levar a Deus.

Como demonstrado acima, Wesley compreende que as Escrituras ensinam que a adoração cristã envolve a unidade do “poder interior e a forma exterior” (Horst 297). Como Horton Davies diz, a adoração wesleyana mistura “o espírito e a liturgia” (240). Por um lado, “A natureza da

religião está tão longe de consistir em... formas de adoração, ou rituais e cerimónias, que não consiste propriamente em quaisquer acções externas de qualquer tipo” (*Works Bicentennial 1: 219*). Por outro lado, se a pessoa não trocar “os meios pelos fins,” então Wesley argumenta que os cristãos deviam “usar todos os meios exteriores; mas usá-los com um olho constante na renovação da sua alma em justiça e verdadeira santidade” (545). As formas exteriores não são *fins* em si mesmas, mas a Escritura indica que são dadas por Deus para serem usadas como *meios* de graça. Como demonstrado acima, Wesley evidenciou uma teologia bíblica de adoração, na qual o Espírito trabalha através das formas de adoração.

As Escrituras demonstram que a adoração é a tarefa fundamental da Igreja; por isso, a adoração requer a maior consideração dos cristãos. A teologia bíblica da adoração, vista em Wesley, foi formada à volta da compreensão de que Deus revelou à Igreja, através das Escrituras, o Seu desejo pela adoração da Igreja. Em particular, Wesley focou-se em Deus ter dado à Igreja a Palavra e o sacramento da Santa Ceia, juntamente com a oração, como meios da graça. Assim, a adoração cristã consiste na acção recíproca entre a Igreja e Deus. À medida que a Igreja adora, de acordo com a revelação de Deus, a graça de Deus é transmitida à Igreja. Tal revelação de Deus, como vista nas Escrituras, demonstrada pela igreja primitiva, trabalhada pela razão e confirmada pela experiência, forma a base da adoração cristã que pode ser compreendida como autenticamente wesleyana.

O CRITÉRIO DE WESLEY

Introdução

Em 1784, Wesley enviou ao povo chamado metodista, a viver na América do Norte, a sua revisão do *Livro de Oração Comum* da Igreja de Inglaterra. Ele intitulou-o de *The Sunday Service of the Methodists in North America (The Sunday Service)*. Na sua carta a Coke, Asbury e aos metodistas na América do Norte, Wesley indica que a sua revisão do *Livro de Oração Comum* foi feita em resposta ao conselho procurado pelos metodistas americanos de forma a “que aquelas pobres ovelhas no deserto” pudessem ser alimentadas e guiadas (John Wesley’s Prayer Book a-ii). No seu prefácio ao *The Sunday Service*, Wesley escreve, “eu acredito que não há liturgia no mundo, seja na linguagem antiga ou moderna, que respire uma piedade mais sólida, escriturística e racional do que a Oração Comum da Igreja de Inglaterra” (A1).

Esta frase indica que Wesley avaliou o valor de certas formas de adoração baseado, pelo menos em parte, em dois ramos do que Albert C. Outler identifica como o Quadrilátero Wesleyano (7-18). A adoração da Igreja a Deus de uma forma que era “escriturística e racional” era vitalmente importante para Wesley. Na carta que acompanhou o *The Sunday Service*, Wesley diz que os metodistas americanos “estão agora em total liberdade para simplesmente seguir as Escrituras e a igreja primitiva” (iii). Assim, acrescentou uma terceira perna ao quadrilátero para basear a sua avaliação das formas de adoração. Karen Westerfield Tucker acrescenta a perna final do quadrilátero dizendo que o critério teológico de Wesley para a sua revisão do livro de oração anglicana incluía a experiência evangélica (*Sunday Service* 19).

Wesley não estava satisfeito com a “adoração” das sociedades metodistas por si mesmas. Ele considerava-as, separadas da adoração anglicana, essencialmente defeituosas. Como Lester Ruth indica, Wesley argumentava que lhes faltava o tipo de abrangência encontrada no tipo de

cultos de adoração da Igreja de Inglaterra e, separadas da adoração da igreja estabelecida, a adoração metodista era desequilibrada (140).

A visão de Wesley acerca da vida cristã, como demonstrada na sua revisão do livro de oração, de acordo com White, estava “firmemente construída na base dos meios da graça dados por Deus, particularmente sacramento, Escritura e oração” (Introdução 10). O padrão exposto para a vida cristã estava baseado numa “comunidade que se junta a cada domingo para um tempo de oração matinal e nocturna, e para celebrar a Santa Ceia ‘em cada Dia do Senhor’” (9). Actos 2:42 é levado a sério: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações” e compreendia o “partir do pão” como sendo o sacramento da Santa Ceia.

Eu concordo, entusiasticamente, com o argumento de Henry H. Knight III de que “é a necessidade de experimentar a presença e identidade de Deus, num relacionamento com Ele, que sublinha, implicitamente, a insistência de Wesley no padronizar os meios da graça” (11). Eu argumento que aquilo que Tucker identifica como “experiência evangélica” (*Sunday Service* 19) deve ser expandido para incluir este mesmo princípio da necessidade da experiência tanto da presença como da identidade de Deus. Esta expansão da compreensão da experiência ajuda a formar o critério pelo qual a adoração pode ser avaliada como autenticamente wesleyana.

Piedade Escriturística

O primeiro critério wesleyano para planear e avaliar a adoração é o de uma piedade escriturística (cf., Wesley, *John Wesley's Prayer Book* A1). A primeira questão que deve ser respondida é o que Wesley quer dizer quando ele usa o termo “escriturístico.” A segunda questão é como este termo se aplica ao Livro de Oração Comum da Igreja de Inglaterra. Ao responder a estas duas questões, a “piedade escriturística” será estabelecida como um critério wesleyano para avaliar a adoração.

O Significado de “Escriturístico”

Como indicado acima, Wesley tinha a tendência de observar quatro fontes principais como normas teológicas, apesar de, seguramente, não usar o termo “quadrilátero”. Wesley herdou os primeiros três da sua tradição anglicana. A esses três, adicionou a norma da experiência. A perna do quadrilátero que tinha proeminência acima das outras três eram as Escrituras. Como H. Ray Dunning correctamente afirma, “Correctamente entendido, as três fontes auxiliares [da teologia] apoiam directamente a prioridade da autoridade bíblica” (77).

Wesley refere-se como *homo unius libri*, um homem de um só livro (*Works* Bicentennial 1: 105). De facto, ele usa esse termo para todos os do “clube santo”:

Desde o início, desde a altura em quatro jovens se juntaram, cada um deles como *homo unius libri* – um homem de um só livro. Deus ensinou-lhes a fazer da Sua “Palavra, lanterna para os seus pés e uma luz para os seus caminhos.” Eles tinham uma e apenas uma regra de julgamento para com todos os seus génios, palavras e acções, nomeadamente, os oráculos de Deus. Eles estavam cada um e todos determinados a ser *cristãos da Bíblia* [ênfase original]. ... E, de facto, até hoje, é seu esforço constante, pensar e falar como os oráculos de Deus. (3: 504)

A partir desta afirmação, e neste sentido, Scott J. Jones declara que, para Wesley “A Escritura por si só é a autoridade para a fé e prática cristã. Wesley é definitivo acerca deste ponto. É a Bíblia que serve como o ‘tribunal de última instância1’ (41). Qualquer estudante de Wesley

prontamente concordará com Jones que “é justo caracterizar os escritos de Wesley como estando embebidos em citações e alusões bíblicas” (43). Ele ilustra este ponto ao referir um exemplo representativo dos escritos de Wesley, onde ele cita a Bíblia 2181 vezes. Nesse mesmo texto, outras fontes da igreja primitiva só são referidas catorze vezes (43).

Com este antecedente em mente, o estudante de Wesley pode facilmente ver que quando ele se referiu a algo como sendo “escriturístico” ele queria dizer que estava cheio com, baseado em, fluído de, ou consistente com a Bíblia e os seus ensinamentos. Além disso, algo poderia ser considerado como escriturístico se proclamasse a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo como encontrado nas Escrituras. Neste caso, Tucker pode dizer, da crença de Wesley que nenhuma decisão de credo ou de concílio da Igreja tem alguma autoridade, a menos que esteja conforme o testemunho da Escritura (*Sunday Service* 20). Consequentemente, se aquelas afirmações do credo estão conforme o testemunho da Escritura, elas podem ser consideradas como autoridade por serem afirmações “escriturísticas”.

O Livro de Oração Comum como Escriturístico

Muitos concordariam que as Escrituras foram introduzidas mais profundamente na adoração anglicana do que qualquer outro ramo do cristianismo (Tracy e Ingersol 102). A Escritura está espalhada ao longo do livro de oração (105). O bispo Stephen Neill indica que os credos e a liturgia do livro de oração expressam a sua forte qualidade bíblica. De facto, ele insiste que “as igrejas anglicanas lêem mais da Bíblia [àqueles que participam da adoração] do que qualquer outro grupo de igrejas” (418). A base para a sua afirmação não é apenas para o uso do leccionário, mas também para o conteúdo bíblico encontrado ao longo da liturgia.

Este conteúdo bíblico ilustra um caminho importante no qual a liturgia inglesa poderia ter sido considerada por Wesley escriturística. O conteúdo escriturístico do *The Sunday Service* de Wesley é enfatizado por White:

A Escritura encontra-se em abundância nos cultos de Wesley: era providenciada uma leitura do Velho Testamento para cada domingo, tanto na oração matinal como na nocturna na sua tabela de lições apropriadas; salmos abundantes eram providenciados para o período de 31 dias; e as epístolas litúrgicas e evangelhos eram mantidos como providenciados no *Livro de Oração Comum*. Uma nota sugere que um capítulo dos evangelhos era lido na oração matinal e outro das epístolas na oração nocturna. As maiores porções do livro são, de longe, dedicadas a selecções da Escritura. (Introdução 11)

O que White diz acerca do *The Sunday Service* é igualmente verdade acerca do *Livro de Oração Comum*. Quase 95 por cento do livro de oração vem directamente da Bíblia (Hobbs 8):

As afirmações de abertura são versículos bíblicos; o Pai Nosso é retirado de Mateus; os versículos são de Salmos; a *Venite* [as boas-vindas] é simplesmente os Salmos 95 e 95 unidos num único salmo; ... a *Benedictus* [a bênção] é Lucas 1 (ou, se é seguida a substituição puritana do Jubileu, é o Salmo 100); e a bênção final vem das cartas de Paulo. (9)

Até partes do livro de oração que não são citações directas da Escritura, são frequentemente compilações de várias passagens bíblicas. A *General Confession* [Confissão Geral] é exemplo dessa compilação (8).

De facto, com a excepção da substituição de certas leituras dos apócrifos por leituras das Escrituras canónicas, Wesley acaba por ter menos Escritura do que o livro de oração da Igreja de Inglaterra por duas razões. Primeiro, contrariamente ao *Livro de Oração Comum*, Wesley não fazia das orações matinais e nocturnas um *dever diário*. Em vez disso, Wesley indicou na carta que acompanhou o *The Sunday Service*, que a liturgia, incluindo a Santa Ceia, deveria ser usada em cada Dia do Senhor. A litania devia ser lida às quartas e sextas-feiras, e as orações espontâneas deviam ser feitas em todos os outros dias (*John Wesley's Book of Prayer* ii). Assim,

o uso pretendido do livro inglês providenciou mais Escritura ao longo da semana do que o *The Sunday Service* de Wesley.

A segunda razão pela qual a versão da Igreja de Inglaterra tem mais Escritura foi o desbaste que Wesley fez do livro de oração. Wesley corta trinta e quatro dos 150 salmos. Ele remove versículos de outros cinquenta e oito salmos, encolhendo o livro de oração de 2502 versículos para 1625 no *The Sunday Service* (White, Introduction 10). Em adição, Wesley encolheu o livro de oração apagando secções como o *Venite* (Salmos 95). O facto de Wesley ter apagado tantas secções não implica que o *The Sunday Service* não seja escriturístico. De facto, algumas remoções que Wesley fez à versão inglesa foram feitas porque ele as julgou “escriturísticamente indefensáveis” (Tucker, *American Methodist Worship* 5). A questão é que o livro de oração inglês continha ainda mais Escrituras do que a revisão de Wesley.

O uso meticuloso da Escritura no livro de oração não é a única razão para a avaliação de Wesley acerca da liturgia inglesa. Tão certo como o Evangelho é proclamado através da liturgia, assim deve ser avaliado como escriturístico. O livro de oração anuncia os mandamentos, chama o povo ao arrependimento, assegura-lhes o perdão, proclama Cristo e as promessas de Deus, e chama o povo a experimentar a graça de Deus através do sacramento. Wesley teria visto toda esta proclamação do Evangelho como sendo meticulosamente escriturística, apesar dessas poucas porções “escriturísticamente indefensáveis”. Mais, eu sugeriria que a observância das festas cristãs, como planeadas no calendário do livro de oração, apoiavam a proclamação da história do Evangelho ao longo do ano.

No entanto, quando Wesley declarou o livro de oração como escriturístico, ele não queria dizer que as liturgias ou estruturas do livro eram explicitamente encontradas na Bíblia. Os puritanos radicais insistiram para que houvesse precedentes explícitos na Escritura para as

práticas de adoração. Wesley não viu razão para insistir que as Escrituras “fossem o *blueprint* [esboço detalhado] para a adoração cristã”; formas válidas poderiam, de facto, “fluir” das Escrituras (Tucker, *Sunday Service* 20). Wesley indica isso em “Ought We to Separate from the Church of England? [Devemos separar-nos da Igreja de Inglaterra?]”:

“Mas não é a Bíblia a única regra para a adoração cristã?” Sim, é a única regra *suprema* [ênfase original]. Mas poderá haver milhares de regras *subordinadas* [ênfase original] a essa, sem que haja qualquer violação. Por exemplo, a regra suprema diz, “que todas as coisas sejam feitas com ordem e decência.” Não sendo repugnantes a, mas claramente fluindo dela, são as regras subordinadas relativas ao tempo e lugar do culto divino. E da mesma forma são tantas outras observadas na Escócia, Geneva e em todas as outras igrejas protestantes. (*Works Bicentennial* 9: 570)

Assim, o livro de oração está, novamente, conforme a Escritura.

Como indicado, o uso do livro de oração inclui, necessariamente, uma ênfase nos sacramentos. A visão elevada dos sacramentos, demonstrada pelo *The Sunday Service* é profundamente bíblica. Como J. Kenneth Grider diz, “Os sacramentos são necessários... porque foram instituídos pelo próprio Cristo” (492). Como se vê em Lucas 22:7-20, Jesus instituiu claramente a Santa Ceia. Mais à frente, a igreja do Novo Testamento continuou a observância do sacramento (ver 1 Coríntios 11:26). Apesar dos estudiosos bíblicos terem de admitir que Cristo não mandou manifestamente os convertidos a baptizarem-se (493), Ele deu o exemplo ao baptizar-Se (Mateus 3:13-17; Marcos 1:9-11; Lucas 3:21-22). Além disso, Ele deu a Grande Comissão, mandando que os cristãos se baptizassem (Mateus 28:19). Mais, qualquer estudo das epístolas paulinas irá mostrar a importância do baptismo. William Greathouse afirma a importância dos sacramentos na Igreja do Novo Testamento:

Na igreja do Novo Testamento, simplesmente não havia cristãos não baptizados e, em cada dia do Senhor, os primeiros cristãos celebravam o sacrifício expiatório de Cristo ao comer o Seu corpo e ao beber o Seu sangue, na simples fé de que Ele estava presente à mesa com eles. (11-12)

Além disso, a compreensão de Wesley do Novo Testamento e da igreja primitiva era tal que se podia dizer que a Santa Ceia era “uma parte constante do culto do dia do Senhor. E, durante vários séculos, eles receberam-na quase todos os dias. Sempre quatro vezes por semana, para além de todos os dias santos.” (*Works Bicentennial* 3: 430)

Apesar de Wesley não ver estruturas particulares de adoração demonstradas explicitamente na Bíblia, a estrutura geral de adoração encontrada no livro de oração pode ser vista como consistente com a base bíblica. Richard C. Leonard infere um esboço da adoração davídica de Salmos relevantes e relatos históricos, tais como 1 Crônicas 16. O seu esboço da adoração davídica inclui a Peregrinação, a Chamada à Adoração, o Cortejo, a Subida, a Entrada, o Louvor ao Rei, a Preparação para a Chegada do Senhor e a Renovação da Aliança (123-24).

David F. Pendleton vê semelhanças entre o esboço da adoração davídica de Leonard e o padrão quádruplo de Webber que consiste nos Actos de Entrada, o Serviço da Palavra, o Serviço da Mesa e os Actos de Despedida. Pendleton entende os primeiros cinco actos de adoração davídica como Actos de Entrada. Ele vê o Serviço da Palavra como consistindo na Preparação para a Chegada do Senhor e associa a Renovação da Aliança com o Serviço da Mesa. Nos Actos da Despedida, o povo reafirmaria a aliança usando as palavras de Deuterónimo 6:6-7 (27-30).

Webber vê este padrão quádruplo como estando enraizado na Escritura. Ele aponta para Actos 2:42, que demonstra que os primeiros cristãos se juntavam em adoração à volta dos ensinamentos dos apóstolos e no partir do pão no contexto da oração e comunhão. Nesta passagem, ele encontra evidência de que, desde a sua concepção, a adoração cristã tinha dois focos primários: a Palavra e a Mesa. A estes dois foram adicionados actos de encontro e actos pelos quais os adoradores eram enviados (*Planning Blended Worship* 20).

Os metodistas modernos têm visto no relato da Estrada de Emaús (Lucas 24) uma ilustração do padrão quádruplo da adoração:

Assim como no primeiro dia da semana o Cristo ressurrecto se juntou aos dois discípulos, da mesma forma no poder do Espírito Santo, o Cristo ressurrecto e ascendido Se junta a nós quando nos reunimos. À medida que os discípulos derramaram a Ele as suas tristezas e, ao fazê-lo, abriram os seus corações para o que Jesus lhes dizia, da mesma forma derramamos a Ele o que quer que esteja nos nossos corações e assim abrimo-nos para a Palavra. Assim como Jesus lhes “abriu as Escrituras” e causou que os seus corações ardessem, da mesma forma ouvimos as Escrituras abertas para nós e do arder dos nossos corações adoramos a Deus. Assim como eles tiveram de encarar uma decisão e responderam convidando Jesus a ficar com eles, podemos fazer o mesmo. Assim como eles se juntaram ao Cristo ressurrecto à volta da mesa, podemos fazer o mesmo. Assim como Jesus tomou, abençoou, partiu e deu o pão como os discípulos O tinham visto fazer três dias antes, assim no nome do Cristo ressurrecto fazemos essas quatro acções com o pão e o copo. Assim como Ele foi “feito conhecido no partir do pão,” da mesma forma o Cristo ressurrecto e ascendido pode ser conhecido por nós na Santa Comunhão. Assim como Ele desapareceu e enviou os discípulos para o mundo, com fé e gozo, da mesma forma Ele nos envia ao mundo. E, assim como os discípulos encontraram Cristo quando chegaram a Jerusalém mais tarde nesse dia, da mesma forma podemos encontrar Cristo conosco onde quer que vamos. (*United Methodist Book 14*)

Este padrão quádruplo básico pode ser demonstrado em várias tradições teológicas e estilos de adoração. O *Livro de Oração Comum* e o *The Sunday Service* de Wesley demonstram uma forma particular de cumprir o padrão quádruplo encontrado na história da Estrada de Emaús. Assim, a estrutura geral da adoração do livro de oração pode ser compreendida como sendo consistente com a Escritura.

Piedade Racional

Na citação de Wesley relativamente ao *Livro de Oração Comum*, ele referiu-se ao livro como sendo escriturístico e racional (*John Wesley's Book of Prayer A1*). Para Wesley, a razão era tão importante que ele poderia insistir que aquele que rejeita a razão, rejeita a religião (Dunning 83):

Quando quer que vejas um homem irracional, vê um homem que talvez se chame pelo nome [i.e., cristão], mas ele é tão cristão como é anjo. Assim como ele está longe da

razão genuinamente verdadeira, da mesma forma ele está longe do cristianismo. (Wesley, *Works Bicentennial* 11: 55)

A razão tinha um papel essencial na compreensão de Wesley acerca da fé cristã.

De forma a estabelecer a piedade racional como critério wesleyano para planejar e avaliar a adoração, a primeira questão a ser respondida é sobre o que Wesley queria dizer quando usou o termo “racional” ou “razão”. A segunda pergunta a ser respondida é como este termo era aplicado ao *Livro de Oração Comum* da Igreja de Inglaterra.

O Significado de “Racional”

No “The Case of Reason Impartially Considered” [O Caso da Razão Imparcialmente Considerada], Wesley começa por definir razão. A primeira definição que ele dá à palavra é *argumento*. Ele refere-se ao uso da palavra numa afirmação como “Ele tem boas *razões* [ênfase original] para o que faz” e Wesley comenta que, nesse contexto, parece dizer que “ele tem *motivos* [ênfase original] suficientes, que devem influenciar um homem sábio” (*Works Bicentennial* 2: 589). Wesley usou a razão neste sentido ao longo dos seus escritos, mas este sentido não era o uso técnico filosófico de Wesley (Miles 84-85).

Wesley rejeitou a razão como fonte de conhecimento independente. Ele não subscreveu a escola de pensamento platónico (Miles 85). Em vez disso, Wesley adoptou uma compreensão empírica como uma ferramenta ou capacidade de compreensão. A razão processava informação ou dados que eram derivados de outras fontes (86). Assim, Grider diz que é “principalmente um veículo para tomar os dados revelados e descobrir o que eles significam. É um veículo que, nós humanos, podemos usar para compreender o que é dito na Palavra de Deus vivida em Cristo e escrita nas Escrituras” (109). De facto, é uma ferramenta necessária. Como John Miley diz, “Uma revelação divina é, na sua natureza, uma comunicação divina da verdade e especialmente

verdade moral e religiosa. Não pode haver comunicação de tal verdade onde não há capacidade para a sua apreensão e recepção” (41).

Wesley ilustra o ponto de Miley:

Significa uma capacidade da alma humana; aquela capacidade que se exerce de três formas: pela simples apreensão, pelo juízo e pelo discurso. A *simples apreensão* [ênfase original] dificilmente é conceber algo na mente, o primeiro e mais simples acto de compreensão. O *juízo* [ênfase original] é o que determina se as coisas antes concebidas estão de acordo ou se diferem entre si. O *discurso* [ênfase original] (estritamente falando) é o movimento do progresso da mente de um juízo para o outro. A capacidade da alma que inclui essas três operações, eu aqui dou o nome de *razão* [ênfase original] (*Works Bicentennial 2: 590*).

Ao contrário dos empiristas dos seus dias, Wesley acreditava que os seres humanos tinham “sentidos espirituais.” Com esses sentidos em mente, Tucker diz, “A razão não é simplesmente o exercício do dom dado por Deus do intelecto humano, mas é a percepção da revelação divina através da agência do Espírito Santo” (*Sunday Service 22*). A razão era compreendida por Wesley como o meio pela qual os cristãos são capacitados pelo Espírito Santo a compreender a comunicação de Deus com eles.

Finalmente, em adição ao conceito da razão como uma ferramenta, Wesley às vezes usava a razão como sinónimo do “senso comum”. Neste sentido, a razão era vista como “uma sabedoria pragmática, de senso comum” que a maioria das pessoas aceitaria (Miles 93). Em vez de se compreender a razão como uma ferramenta ou processador, ela era compreendida como um conjunto de conclusões derivadas do processo que qualquer pessoal racional aceitaria (93). Um exemplo deste uso é visto na carta de Wesley a Robert Carr Brackenburry a 9 de Março de 1782:

É totalmente claro para mim que, primeiro, a dispensação do Evangelho é-te entregue; e, segundo, és peculiarmente chamado a publicá-la em conexão connosco. Tem agradado a Deus dar tantas e fortes evidencias disto, que não vejo como qualquer pessoa racional possa duvidar disso. (*Works 3rd ed. 13:3*)

Os comentários de Wesley a Brackenburry derivam de um claro processo que ele tem a certeza que qualquer pessoa racional aceitaria.

Wesley compreendia a razão como uma grande ajuda nas áreas de arte, ciência, gramática, retórica, lógica, filosofia natural e moral, matemática, álgebra e metafísica. De facto, a razão era vista como sendo de utilidade considerável em todas as coisas relacionadas com o mundo presente, mas Wesley também acreditava que a razão poderia “fazer muito mais,” tanto quanto ao fundamento como à superestrutura da religião (*Works Bicentennial 2: 591*). “A razão (assistida pelo Espírito Santo) ... capacita-nos a compreender o que as Santas Escrituras declaram relativamente ao ser e atributos de Deus” (152). Desta mesma forma, os cristãos podem vir a compreender as verdades essenciais das Escrituras, como têm sido resumidas no Credo dos Apóstolos (592).

Por um lado, Wesley “reconheceu o uso judicioso da razão acoplado com a Escritura quando admitiu a possibilidade de vários tipos de adoração, desde que a fé básica fosse mantida” (Tucker, *Sunday Service 23*). “Os seres humanos racionais tinham um direito, dado por Deus, de adorar à medida que eles eram persuadidos” (23). Wesley expressa esta mesma opinião:

Eu não quero dizer, “Adopte os meus modos de adoração,” ou, “irei adoptar os seus.” Isto também é uma coisa que não depende nem da tua escolha nem da minha. Podemos, ambos, agir de acordo com a total persuasão da sua própria mente. Agarre-se ao que crê que é mais aceitável para Deus e eu farei o mesmo. (*Works Bicentennial 2: 89-90*)

Os cristãos devem ser livres para adorar da forma que eles consideram ser a mais racional.

Por outro lado, Wesley insiste que os cristãos devem ser racionalmente persuadidos quanto à melhor forma de adorar:

Mas o homem de um verdadeiro espírito católico, tendo pesado todas as coisas na balança do santuário, não tem dúvida, nenhum escrúpulo relativo a esse modo particular de adoração ao qual ele se junta. Ele está claramente convencido que *esta* [ênfase original] forma de adorar a Deus é tanto escriturística como racional. Ele não conhece outra forma no mundo, que seja mais escriturística, nenhuma que seja mais racional. Por isso, não

divaga para cá e para lá e se une a ela e louva a Deus pela oportunidade de o fazer.
(*Works Bicentennial* 2: 93)

A declaração de Wesley no prefácio do *The Sunday Service* torna claro que ele estava convencido de que a maneira de adorar a Deus como descrito pelo *Livro de Oração Comum* era tanto escriturística como racional. Ele não conhecia nenhuma outra maneira no mundo que fosse mais escriturística ou mais racional (*John Wesley's Book of Prayer* A1).

O Livro de Oração Comum como Racional

Já estabeleci que para Wesley as regras da adoração cristã estavam subordinadas à regra suprema da Bíblia e que essas regras subordinadas não violavam a regra suprema, mas fluíam dela (*Works Bicentennial* 9: 570). Estas regras subordinadas fluem da Bíblia de acordo com a razão. A razão, usada como uma ferramenta, ajuda a formular a estrutura e conteúdo da liturgia.

Edward C. Hobbs diz que a racionalidade da tradição do livro de oração “é uma que se conforma com a racionalidade da fé cristã – i.e., exhibe sistematicamente a relação do cristão com Deus, de acordo com a compreensão cristã desse relacionamento” (9). Ele vê esta estrutura centrada num arranjo triplo básico do serviço (9).

Hobbs identifica os “versículos” ou intercâmbios de diálogo entre o ministro e o povo, como pontos de transição entre cada uma dessas três secções do serviço:

O primeiro intercâmbio começa, “Oh Senhor, abre os nossos lábios; E a nossa boca manifestará o Teu louvor.” O sinal é claro – estamos prestes a entrar num culto de louvor. O outro é o comum, “O Senhor esteja contigo; E com o teu espírito; Oremos.” O sinal é claro – segue-se a oração. (9)

Seguindo essas pistas, o pesquisador vê que as três porções do culto incluem uma de penitência e confissão; uma de louvor, acção de graças e a Palavra de Deus; e uma em que os adoradores se oferecem a si mesmos e tudo a Deus. Hobbs chama essas secções “o Serviço de confissão, o Serviço da Palavra; ... e o Serviço da oferta” (9).

Esta estrutura segue o padrão do relacionamento dos cristãos com Deus. A estrutura fá-lo como um “memorial e uma interpretação daquela vida” perante Deus (Hobbs 10). Por outras palavras, se a adoração da Igreja a Deus deve ser “racional,” então os cristãos não podem simplesmente adorar de acordo com os seus próprios caprichos. Pelo contrário, os cristãos devem adorar da mesma forma “na qual sempre encontramos e reconhecemos Deus quando nos encontramos com o Deus que nos conforta em Cristo” (10). Hobbs resume o serviço:

A Palavra temerosa é a primeira coisa que ouvimos – “Tu és o homem!” – quando entramos...E o ministro da igreja de Deus explica-nos então que as Escrituras nos levam a confessar a Deus, de forma tão precisa como as Escrituras dizem que somos – pecadores. Então caímos de joelhos e juntos confessamos. E nessa altura – graças a Deus! – a palavra de perdão vem, através das palavras do ministro, libertando-nos para orar nas palavras de Jesus. Os versículos lembram-nos que agora podemos louvá-Lo, visto que Ele abriu os nossos lábios. Então, levantamo-nos com gozo e juntamo-nos cantando os Seus louvores, dando-Lhe graças, ouvindo a Sua Palavra. Quando resumimos esta fé no nosso credo, somos chamados a apresentar-Lhe as nossas preocupações, nas Orações. À medida que avançamos, a graça, o amor e a comunhão vão connosco. (11)

Hobbs diz que “todos os grandes serviços da adoração cristã, desde o início até agora, seguem este esquema fundamental; a Comunhão é simplesmente uma elaboração disso, principalmente na terceira porção” (12). Esta estrutura de adoração prova ser meticulosamente racional.

De uma perspectiva diferente, como ilustrado na secção anterior sobre a piedade escriturística e a secção seguinte sobre a igreja primitiva, a estrutura da adoração pelo livro de oração pode ser vista como uma de várias formas de demonstrar o padrão quádruplo aí presente”

(1) Entramos na presença de Deus; (2) Ouvimos Deus a falar; (3) Celebramos à Mesa de Deus; e (4) Somos despedidos” (Webber, Signs 37). Webber comenta a racionalidade deste padrão:

O padrão quádruplo de adoração é caracterizado por uma qualidade narrativa porque nos leva a um lugar (a sala do trono do reino de Deus) onde um ensaio do nosso relacionamento com Deus é expresso através da palavra e da resposta de acção de graças. Tendo sido tocados [por] Deus, somos enviados para o mundo para amar e servir o Senhor. Este padrão quádruplo é a estrutura bíblica e história de adoração que mais efectivamente comunica o conteúdo da adoração. (*Planning Blended Worship* 21)

Webber compreende que o “conteúdo da adoração” é o Evangelho (21). A estrutura da adoração pelo livro de oração, então, segue um procedimento racional. Assim, qualquer pessoa racional concordaria que a estrutura da liturgia faz sentido.

Mais, a adoração baseada nos serviços do livro de oração pode ser vista como racional por providenciarem semanalmente uma “adoração equilibrada”. O formato da adoração de domingo, de acordo com a tradição do livro de oração, providencia uma extensão espiritual para os adoradores, “incluindo os actos de arrependimento, petição, intercessão e acção de graças,” assim como a Santa Ceia (Ruth 140-41). Esses são elementos de adoração que as sociedades metodistas frequentemente não tinham, quando separadas da liturgia inglesa. O *Livro de Oração Comum* providenciava um meio sólido de formação espiritual porque incluía uma leitura sistemática da Escritura, pregação e sacramento.

Continuidade com a Igreja Primitiva

Na sua carta que acompanhava o *The Sunday Service*, Wesley diz que os metodistas americanos “estão agora em total liberdade, simplesmente para seguir as Escrituras e a igreja primitiva” (*John Wesley’s Book of Prayer A2*). Assim, um terceiro critério pelo qual a adoração é avaliada como sendo autenticamente wesleyana é o da continuidade com a igreja primitiva. De forma a estabelecer este terceiro elemento como critério, irei identificar o que Wesley referia quando falava da “igreja primitiva”. Depois irei identificar como a continuidade com a igreja primitiva pode ser vista na adoração.

Identidade da Igreja Primitiva

Num sermão, Wesley responde à pergunta, “O que é o Metodismo?” (*Works Bicentennial 3: 585*). Ele identifica o Metodismo como “a religião antiga, a religião da Bíblia, a *religião da*

igreja primitiva [ênfase original], a religião da Igreja de Inglaterra” (585). Wesley fala da religião da igreja primitiva como a de “toda a igreja na sua era mais pura” (586):

É claramente expresso mesmo no pouco que resta de Clemente de Roma, Inácio e Policarpo. É ainda mais visto nos escritos de Tertuliano, Orígenes, Clemente de Alexandria e Cipriano. E até no quarto século foi encontrado nas obras de Crisóstomo, Basílio, Efraim da Síria e Macário. (586)

Wesley crê que o Metodismo espelha a religião destes primeiros cristãos.

Além do período do tempo bíblico, Ted A. Campbell identifica o período anterior a Niceno como sendo o significado básico de Wesley quando se refere à igreja primitiva (5). Campbell continua ao indicar que os primeiros líderes anglicanos concordaram que o período da igreja primitiva podia ter sido estendido para os quarto ou quinto séculos (13). Wesley faz referência ao quarto século (*Works Bicentennial* 3: 586). No entanto, quando fala da igreja primitiva, Wesley refere-se basicamente à igreja dos primeiros três séculos cristãos, aos quais os quarto e quinto séculos podem ser adicionados. Assim, Wesley diz, “E *até* [ênfase original] no quarto século” (586). Tal perspectiva é consistente com aquela do pai de Wesley, Samuel. Este teve em maior consideração os primeiros três séculos, mas deu o seu aval às obras dos quarto e quinto séculos, especialmente à formulação Nicéia da doutrina da Trindade (Campbell 25).

Wesley vê uma mudança na história do cristianismo começando com o reino de Constantino no início do quarto século. Ele vê maior unidade e demonstração de pureza antes de Constantino (Campbell 47). Ele frequentemente fala favoravelmente dos “Pais pré-Nicéia” ou os “escritos dos primeiros três séculos” (47):

A consideração dos escritos dos primeiros três séculos, embora não igualados com, mas próximos das Escrituras, nunca levaram qualquer homem a erros perigosos, nem provavelmente levarão. Mas tem trazido muitos para fora de erros perigosos e particularmente fora dos erros do Papismo. (Wesley, *Works* 3rd ed. 10: 14)

Wesley diz noutra lugar, “Quanto mais devo sofrer na minha utilidade, se perdi as oportunidades que tive em me familiarizar com as grandes luzes da antiguidade, os Pais pré-Nicéia” (10: 493). Assim, Wesley indica que o período pré-Nicéia é a sua referência básica quando fala sobre a igreja primitiva.

Continuidade na Adoração

Wesley compreende a liturgia anglicana como sendo uma das áreas na qual a Igreja de Inglaterra mostrou grande continuidade com a igreja apostólica e primitiva (Campbell 97). Relativamente aos sacramentos, Wesley compreende a prática do batismo das crianças, assim como o dos adultos, como sendo consistente com as práticas da igreja primitiva (95). A Eucaristia era celebrada diariamente nos primeiros tempos, e nos últimos tempos era celebrada todos os domingos (96). Tal perspectiva era consistente com a insistência de Wesley em “O Dever da Comunhão Constante” (*Works Bicentennial* 3: 427-39). Wesley, como a igreja do oriente, também compreendia que na igreja primitiva as crianças batizadas comungavam da Ceia (Champbell 96).

Wesley é consciente das festas anuais observadas pelos cristãos antigos ao celebrarem a Páscoa, Pentecostes e Epifania (Campbell 99). Mais, ele é rápido a adoptar certas práticas antigas para essas celebrações. Wesley regista, “Durante doze dias de festa tivemos diariamente a Ceia do Senhor; um pequeno emblema da igreja primitiva. Sejamos seguidores deles em todas as coisas, assim como eles foram de Cristo” (*Works Bicentennial* 22: 441). Ele regista novamente, “Domingo, dia 30 – O dia de Páscoa foi um dia solene e agradável, no qual Deus estava marcadamente presente com o Seu povo. Durante a Oitava administrei a Ceia do Senhor cada manhã, seguido o exemplo da igreja primitiva” (23: 45-46). Assim, Wesley demonstra o seu desejo em permanecer em continuidade com as práticas de adoração da igreja primitiva.

No entanto, a erudição litúrgica contemporânea revela que algumas das noções de Wesley sobre o Cristianismo primitivo não eram correctas. Como exemplo, Campell cita a crença de Wesley em que as “Homilias Espirituais” eram de facto obra de Macário, monge egípcio do quarto século (4). Ao longo da sua vida, as crenças de Wesley acerca da ordenação e episcopacia mudaram à medida que ele ganhou compreensões mais claras das práticas da igreja da antiguidade:

Segunda-feira, dia 20. Fui a Bristol. Na estrada li o Relato da Igreja Primitiva por Lord King. Apesar do preconceito veemente da minha educação, eu estava pronto a crer que isto era um relato justo e imparcial. Mas se assim o era, isso queria dizer que os bispos e os presbíteros são (essencialmente) de uma ordem. (*Works Bicentennial* 20: 112)

Como resultado de tal mudança na sua compreensão da igreja primitiva, Wesley eventualmente exerceu a sua autoridade de presbítero em ordenar outros presbíteros.

Tais exemplos de Wesley em mudar a sua posição em alguns assuntos ao ganhar uma compreensão mais correcta da igreja primitiva define um precedente para os liturgistas contemporâneos à medida que eles vêem a igreja primitiva pelos olhos da escolástica mais recente. Este precedente implica que onde a escolástica contemporânea revela aspectos da prática de adoração da antiguidade, aos quais Wesley não teve acesso, os liturgistas wesleyanos não seguem Wesley à risca no desenvolvimento de textos litúrgicos de forma a que os seus textos sejam considerados autenticamente wesleyanos.

Estou a sugerir que uma forma em que os wesleyanos contemporâneos podem aderir à admoestação do seu pai espiritual para seguir o padrão de adoração da igreja primitiva (*John Wesley's Book of Prayer* iii) é adoptar o padrão quádruplo básico e histórico da adoração. Este padrão compreende a adoração cristã como estando centrada na “Palavra e Mesa” (Webber, *Signs* 34). A esses dois actos básicos de adoração, os primeiros cristãos adicionaram o desenvolvimento de actos de entrada e actos de despedida (37-44). Este padrão de se juntarem

para adorar à volta da Palavra e da mesa é claramente visto no século dois na *The First Apology* de Justino, o Mártir (capítulos 61-67). Este padrão tem sido popularizado nos anos recentes por Webber:

Os quatro actos básicos da adoração de domingo incluem o congregar das pessoas, a leitura das Escrituras e a pregação, o partir do pão e derramar o vinho juntamente com orações de acções de graça, e enviar o povo. Estes quatro actos são alcançados através de uma sequência de cânticos, Escrituras e orações que proclamam, reconstituem e celebram o Evangelho e uma sequência de respostas congregacionais que os ajudam a experimentar o Evangelho. Pode-se estudar a história da adoração desde a igreja primitiva até ao presente e descobrir, sem excepção, que a adoração de domingo tem sido sempre caracterizada por estes quatro actos. (*Worship* 150)

A implementação deste padrão é uma forma dos wesleyanos contemporâneos seguirem o padrão de adoração da igreja primitiva.

Entre os wesleyanos contemporâneos, este padrão geral tem sido adoptado pela Igreja Metodista Unida no *United Methodist Book of Worship* [Livro de Adoração dos Metodistas Unidos] como uma tentativa de recuperar a sua herança bíblica e histórica (13-15). O padrão quádruplo também tem ganho alguma atenção dentro da Igreja do Nazareno, principalmente na dissertação de doutoramento de Pendelton. A dissertação de Pendelton focou-se no “padrão quádruplo histórico da adoração como um terreno comum para adoração centrada em Cristo na Igreja do Nazareno” (6). Estou a sugerir que o padrão quádruplo da adoração é uma expressão importante no ser-se consistente com as práticas da adoração da igreja primitiva, e, por isso, um passo importante em ser guiado por um critério wesleyano autêntico de adoração. A minha posição amplia as possibilidades da adoração wesleyana autêntica bem além do uso exclusivo do *Livro de Oração Comum* ou do *The Sunday Service*, apesar do uso destes ser uma possibilidade de cumprir o padrão quádruplo.

Este padrão quádruplo leva naturalmente à consideração do conceito de Wesley do “O Dever da Comunhão Constante” (*Works Bicentennial* 3: 427-39). Apesar, talvez, de poucas

congregações nazarenas implementarem a prática num futuro próximo, no entanto, a celebração semanal da Eucaristia deveria ser vista como a norma. Como o superintendente geral Greathouse afirma, “Os primeiros cristãos celebravam o sacrifício expiatório de Cristo, ao comer o Seu corpo e ao beber o Seu sangue, em todo o Dia do Senhor, na fé simples de que Ele estava à mesa presente com eles” (11-12).

Outra prática do início da Igreja do Nazareno que deveria ser reafirmada contra a forte influencia das práticas baptismais baptistas, é a prática do batismo infantil. A prática do batismo infantil é altamente consistente com a herança wesleyana e com a prática da igreja primitiva. Tal posição não fala da norma do batismo adulto para a teologia sacramental, mas para a prática aceite da igreja primitiva assim como para aqueles dentro da tradição wesleyana.

Finalmente, os líderes de louvor devem procurar recuperar as grandes festas da Igreja, ajudando a Igreja a ordenar a Sua vida de acordo com o calendário cristão. Apesar de Wesley ter omitido a maioria dos “dias santos (assim chamados) ... como, no presente, não apresentando nenhum valor final” (*John Wesley’s Book of Prayer* A1) quando ele reviu o livro de oração para essas “pobres ovelhas no deserto” (ii), reteve referências do Advento, Natal, Páscoa, Pentecostes, Domingo da Trindade, Sexta-Feira Santa e Dia da Ascensão. Eu sugiro que a observância desses dias é escriturística no sentido em que eles ajudam a proclamar o Evangelho. Tais observâncias também ligam os adoradores à igreja primitiva.

A observância da Páscoa, Pentecostes e Epifania desenvolveu-se nos primeiros três séculos do cristianismo, sendo que os primeiros dois foram herdados e adaptados do Judaísmo (White, *Brief History* 62). Desde o quarto século, os cristãos têm observado a Sexta-Feira Santa, o Sábado da Aleluia e o dia de Páscoa como o trio sagrado (63). Em 336, é feita referência à celebração do que é chamado agora Natal (64). Assim, desde o quarto século, os cristãos têm

tido “um ano de dois ciclos, natalidade e pascal, consistindo de quatro temporadas: Advento e Natal, Quaresma e Páscoa, assim como os intervalos no meio” (65). Apesar de nem todas essas observâncias se encaixarem nos primeiros três séculos cristãos, elas encaixam-se na compreensão *alargada* de Wesley da igreja primitiva. Assim, a observância dessas festas/jejuns providencia uma forma de cumprir este critério da adoração autenticamente wesleyana.

Experiência da Presença e Identidade de Deus

O quarto critério no qual a adoração pode ser avaliado como sendo autenticamente wesleyano é o da experiência. O meu argumento é que, assim como Knight identifica a necessidade de experimentar a presença e identidade de Deus através do padrão dos meios da graça de Wesley (11), assim, também, ambos os elementos são vitais para a adoração autenticamente wesleyana. Apesar deste critério não ser explícito na carta que acompanha o *The Sunday Service*, é uma síntese das declarações de Wesley numa variedade de lugares e devia ser presumida como o pano de fundo da carta de Wesley. De forma a estabelecer a experiência da presença e identidade de Deus como um critério para a adoração wesleyana autêntica, revejo a exploração de Knight da presença e identidade de Deus nos meios da graça. Aplico então as minhas descobertas à área da adoração wesleyana.

A Presença de Deus

Knigh identifica alguns meios da graça de Wesley que encorajam a abertura à presença de Deus. Eles incluem a comunidade cristã, obras de misericórdia, oração extemporânea, jejum e os meios da graça gerais (13). O último inclui obediência universal, guardar todos os mandamentos, vigiar, negar-se a si mesmo, tomar diariamente a cruz e exercitar a presença de Deus (5).

A adoração por parte das sociedades metodistas tendeu fortemente nesta direcção, assim como tem feito a típica adoração nazarena histórica. O perigo de se apoiar demasiado nesta

direcção sem o equilíbrio providenciado pela identidade de Deus é que os adoradores podem cair na armadilha do emocionalismo. Os adoradores podem facilmente tornarem-se subjectivos.

No entanto, este aspecto da adoração é essencial para a salvaguarda contra o ritualismo morto. Evita que os adoradores tenham a forma de religiosidade sem poder. Os meios da graça que devem ser encontrados dentro da adoração corporativa devem incluir a comunidade cristã, a oração extemporânea, vigília e o exercício da presença de Deus. Muito da música usada na adoração deveria tender a funcionar da mesma forma.

Wesley não desencoraja aquilo que fomenta a presença de Deus. De facto, é essencial para a vida cristã. A sua preocupação é que, apesar das sociedades metodistas fomentarem a presença de Deus, faltava-lhes o equilíbrio da identidade de Deus que a adoração da Igreja de Inglaterra providenciava.

A Identidade de Deus

Os meios da graça wesleyanos identificados como promovendo a identidade de Deus incluíam a Escritura, a pregação, a Eucaristia e as orações da tradição. Todos esses itens descrevem o carácter e a actividade de Deus. Elas adicionam conteúdo à experiência da presença de Deus (Knight 13).

Todos estes meios da graça são partes importantes na adoração cristã. Apesar das igrejas livres não despenderem muito tempo usando as orações da tradição, estas orações são aqui referidas porque elas funcionam para identificar Deus. Por isso, mesmo que a adoração da igreja livre não use estas orações específicas, os líderes de louvor podem aprender delas formas de permitir que as suas orações extemporâneas promovam a identidade de Deus.

A tradição da adoração da igreja livre, como vista em nas reuniões em tendas revivalistas, promove claramente muito menos a identidade de Deus do que a presença de Deus. A adoração

da igreja livre foca-se na pregação e a pregação incluirá frequentemente um texto curto da Escritura. No entanto, quando comparada com o âmbito da Escritura usada na tradição do livro de oração, a adoração da igreja livre está claramente em falta.

Tendências Actuais de Adoração

Os vários elementos da abordagem da adoração de Wesley providenciam discernimento sobre as possíveis tensões e conflitos encontrados nas abordagens actuais da adoração pelos cristãos wesleyanos contemporâneos. O próprio Wesley encontrou tensões relativamente à adoração quando foi confrontado por alguns das sociedades metodistas que insistiam que os encontros da sociedade providenciavam suficiente adoração para o povo metodista. Para aqueles que actualmente encaram aquilo que é frequentemente referido como “guerras de adoração,” a resposta de Wesley poderá ser útil:

Mas alguns dizem, “O nosso culto é adoração pública.” Sim; mas não se isso substituir o culto da igreja; pressupõe-se oração pública como os sermões na universidade. Se fosse planeado para ser o substituto do culto da igreja, seria essencialmente defeituoso; pois raramente tem as quatro grandes partes da oração pública, súplica, petição, intercessão e acção de graças. (*Works* 3rd. 8: 321-22)

A afirmação daqueles das sociedades metodistas e a resposta de Wesley a eles demonstra diferentes perspectivas sobre o que são práticas de adoração suficientes.

Os wesleyanos de hoje também encaram tensões e opiniões várias relativamente à adoração. Um ponto principal de contenção para os wesleyanos contemporâneos tem a ver com os estilos de adoração. Muitos cristãos identificam-se agora em termos de estilos de adoração em vez de em termos da denominação ou tradição de fé. Eles participam em “adoração contemporânea,” “adoração tradicional,” ou “adoração mista” (Plantinga 2-3). Aqueles que defendem cada uma destas e outros estilos de adoração diversos formam os vários campos dentro dos quais ocorre o que é conhecido como “guerras de adoração.”

Mudanças dramáticas têm tido lugar nas práticas de adoração das igrejas protestantes ao longo das últimas décadas. Estas mudanças têm servido para intensificar o debate sobre os estilos de adoração, que se tem focado na música. Muitas dessas mudanças dentro do cristianismo protestante têm surgido como resultado do Vaticano II do Catolicismo Romano (Plantiga 24-26). A variedade de práticas tem vindo de quatro forças principais forças que têm sido identificadas como contribuindo para estas mudanças. Elas são “o movimento litúrgico ecuménico universal, o movimento carismático, ‘o evangelismo porta a porta’ e a diversidade cultural” (*Authentic* 14). Cada uma destas forças pode ter um impacto diferente nas práticas de adoração e nas perspectivas de várias congregações. Tais impactos podem ser complementares, mas podem ser, da mesma forma, de oposição. Destas quatro forças, apenas o movimento litúrgico ecuménico é que provável partilha uma lógica interna similar à abordagem de Wesley à adoração.

O movimento litúrgico ecuménico procurou promover padrões de adoração derivados de exemplos da igreja dos segundo, terceiro e quarto séculos. Este movimento tem sido influente em recuperar o padrão da Palavra e da Mesa como a norma da adoração colectiva cristã. Além disso, tem influenciado a recuperação do ano cristão, o desenvolvimento e uso de um lecionário, a recuperação da oração de acção de graças durante a celebração eucarística e uma ênfase na participação da congregação (*Authentic* 15-16). O movimento litúrgico ecuménico tem tido grande influência dentro das denominações principais, mas influência mínima dentro da Igreja do Nazareno, particularmente nas congregações nazarenas locais.

O movimento carismático, que tem enfatizado a participação animada das pessoas, tempos de oração em pequenos grupos e cultos de cura, tem também sido instrumental ao trazer o movimento de louvor e adoração. Este último movimento tem-se focado na música entusiasta,

particularmente no uso de coros de louvor e no uso de um grupo de louvor e/ou banda (*Authentic* 16-17).

A ênfase carismática nos dons espirituais, especialmente as línguas, tem sido julgada como duvidosa pela maioria dos nazarenos. Como uma denominação nascida do movimento de santidade do século dezanove, a história do relacionamento entre os nazarenos e os pentecostais tem sido difícil. O movimento carismático tem sido compreendido pelos nazarenos como sendo um resultado do pentecostalismo. No entanto, a participação entusiasta e a música de louvor e adoração têm sido rapidamente adoptadas por um número de congregações nazarenas. O entusiasmo foi uma marca da tradição das reuniões em tendas e a música de louvor e adoração é vista como um meio de recapturar esse entusiasmo para um novo século.

O “evangelismo porta a porta” tem visto o culto de adoração como um meio de alcançar os não frequentadores de igreja (*Authentic* 17). Apesar deste conceito poder ser novo para algumas denominações, não é novo para os nazarenos. O que é novo é o uso das técnicas de marketing sociológico para alcançar os não frequentadores de igreja. O uso de técnicas de marketing é parte da cultura consumista americana. O perigo para a Igreja em usar tais técnicas é permitir que os desejos e preferências do consumidor distorçam a mensagem do Evangelho. Em tais casos, a adoração deixa de ser acerca de *adorar* a Deus; em vez disso, o foco da adoração deixa de ser Deus e passa a ser os “perdidos”. Estimulado pelo movimento do crescimento da igreja, o movimento do “evangelismo porta a porta” tem sido, rapidamente, e, por vezes, acriticamente, adoptado por muitos nazarenos.

A diversidade cultural tem também influenciado as práticas de adoração actuais. Tal como a sociedade se tem tornado mais diversa, da mesma forma muitas denominações têm-se tornado culturalmente diversas. O idioma, a música e as tradições culturais têm tido um papel em

enriquecer a adoração dos cristãos (*Authentic* 18). Além disso, a sociedade tem-se tornado menos letrada e mais levada para o entretenimento. As pessoas focam-se mais nos sentimentos e menos na verdade. Estas características culturais têm tido um papel em influenciar as tendências actuais de adoração.

As práticas de adoração têm sido grandemente enriquecidas por certas tendências de adoração dentro da igreja de hoje. Por outro lado, outras tendências têm produzido cultos de adoração que são abertos ao mesmo tipo de críticas que Wesley expressou no início desta secção. Dentro deste contexto das várias tendências de adoração e das actuais “guerras de adoração” o critério wesleyano é oferecido como um meio de atravessar os vários movimentos e de filtrar as várias práticas de tal maneira que providencie uma adoração cristã autêntica.

Conclusão

Enquanto os pastores e congregações na Igreja do Nazareno e outras igrejas wesleyanas/metodistas continuam a lutar com a mudança na área da adoração, é vital ter critérios adequados para planear e avaliar a adoração a Deus. O critério wesleyano desenvolvido e promovido neste texto pode meticulosamente preencher a lacuna. Como demonstrado neste estudo, os critérios wesleyanos transcendem os vários estilos de adoração ao mesmo tempo que promovem a adoração cristã que é escriturística, racional, em continuidade com a igreja primitiva, e que impulsionam a experiência da presença e identidade de Deus.

OBRAS CITADAS

Authentic Worship in a Changing Culture. Grand Rapids: CRC, 1997.

Bassett, Paul. "Church of the Nazarene." Webber, *Complete Library* 3: 37-40. □ *The Book of Common Prayer and Administration of the Sacraments and Other Rites and Ceremonies of the Church, According to the Use of the Church of England, Together with the Psalter or Psalms of David*. Oxford, England: Oxford UP, 1969.

Campbell, Ted A. *John Wesley and Christian Antiquity: Religious Vision and Cultural Change*. Nashville: Kingswood, 1991.

Davey, Randall E. "Nazarene Worship: Then and Now." D.Min. paper. Lutheran Theological Seminary, 1998.

Davies, Horton. *Worship and Theology in England: From Watts and Wesley to Maurice, 1690-1850*. Princeton, NJ: Princeton UP, 1961.

Dunning, H. Ray. *Grace, Faith, and Holiness*. Kansas City: Beacon Hill, 1988.

Estep, Brad. "Holiness Worship." Webber, *Complete Library* 2: 97-98.

Greathouse, William. Foreword. Staples 11-12.

Grider, J. Kenneth. *A Wesleyan-Holiness Theology*. Kansas City: Beacon Hill, 1994.

Hobbs, Edward C., ed. *The Wesley Orders of Common Prayer*. Nashville: National Methodist Student Movement, 1957.

Horst, Mark. "A Wesleyan Theology of Worship." Webber, *Complete Library* 2: 297-98.

Jones, Scott J. "The Rule of Scripture." *Wesley and the Quadrilateral: Renewing the Conversation*. Ed. W. Stephen Gunter, et al. Nashville: Abingdon, 1997.

Justin the Martyr. "The First Apology of Justin, the Martyr." Ed. and Trans. Edward Rochie Hardy. *The Library of Christian Classics*. Ed. and Trans. Cyril C. Richardson. Philadelphia: Westminster, 1953. 1: 242-89.

Knight, Henry H., III. *The Presence of God in the Christian Life: John Wesley and the Means of Grace*. London: Scarecrow, 1992.

- Leonard, Richard C. "Features of Davidic Worship." Webber, *Complete Library* 1: 123- 24.
- Miles, Rebekah L. "The Instrumental Role of Reason." *Wesley and the Quadrilateral: Renewing the Conversation*. Ed. W. Stephen Bunter et al. Nashville: Abingdon, 1997. 77-106.
- Miley, John. *Systematic Theology*. Vol. 1. 1893. Peabody, MA: Hendrickson, 1989.
- Neill, Stephen. *Anglicanism*. London: Penguin, 1958.
- Outler, Albert C. "The Wesleyan Quadrilateral in John Wesley." *Wesleyan Theological Journal* 20.1 (Spring 1985): 7-18.
- Pendleton, David F. "Worship as an Expression of the Word: Finding a Common Ground for Christ-Centered Worship." Diss. Asbury Theological Seminary, 2000.
- Plantigna, Cornelius Jr., and Sue A. Rozeboom. *Discerning the Spirits: A Guide to Thinking about Christian Worship Today*. Grand Rapids: Eerdmans, 2003.
- Ruth, Lester. "Word and Table: A Wesleyan Model for Balanced Worship." *The Wesleyan Tradition: A Paradigm for Renewal*. Ed. Paul W. Chilcote. Nashville: Abingdon, 2002. 136-47.
- Spruce, James R. *Come Let Us Worship: A Concerned Call to Appraisal*. Kansas City: Beacon Hill, 1986.
- Staples, Rob L. *Outward Sign and Inward Grace: The Place of Sacraments in Wesleyan Spirituality*. Kansas City: Beacon Hill, 1991.
- Tracy, Wes, and Stan Ingersol. *What Is a Nazarene? Understanding Our Place in the Religious Community*. Kansas City: Beacon Hill, 1998.
- Tucker, Karen Westerfield. *American Methodist Worship*. New York: Oxford, 2001.
- , ed. *The Sunday Service of the Methodists: Twentieth-Century Worship in Worldwide Methodism: Studies in Honor of James F. White*. Nashville: Kingswood, 1996.
- The United Methodist Book of Worship*. Nashville: United Methodist, 1992.
- Webber, Robert E. *The Complete Library of Christian Worship*. Nashville: Star Song, 1993-94. 7 vols.

---. *Planning Blended Worship: The Creative Mixture of Old and New*. Nashville: Abingdon, 1998.

---. *Signs of Wonder: The Phenomenon of Convergence in Modern Liturgical and Charismatic Churches*. Nashville: Star Song, 1992.

---. *Worship Old and New: A Biblical, Historical, and Practical Introduction*. Rev. ed. Grand Rapids: Zondervan, 1994.

Wesley, John. *Explanatory Notes Upon the New Testament*. Salem, OH: Schmul, 2000.

---. *John Wesley's Prayer Book: The Sunday Service of the Methodist in North America*. Ed. James F. White. 1991. Akron, OH: OSL, 1995.

---. *The Journal of the Rev. Mr. John Wesley, A. M.* Ed. Nehemiah Curnock. London: Epworth, 1916.

---. *The Works of John Wesley*. 3rd ed. 1872. Kansas City: Beacon Hill, 1986. 14 vols.

---. *The Works of John Wesley*. Bicentennial/Oxford ed. Nashville: Abingdon, 1980-2003. 31 vols.

“Westminster Shorter Catechism.” *A History of Christianity: Readings in the History of the Church*. Ed. Clyde L. Manschreck. Grand Rapids: Baker, 1964. 2: 200-03.

White, James F. *A Brief History of Christian Worship*. Nashville: Abingdon, 1993.

---, ed. Introduction. Wesley, *John Wesley's Prayer Book*. 1-14.

OBRAS CONSULTADAS

- Bangs, Carl. *Phineas F. Bresee: His Life in Methodism, the Holiness Movement, and the Church of the Nazarene*. Kansas City: Beacon Hill, 1995.
- Bedell, Kenneth. *Worship in the Methodist Tradition*. Nashville: Tidings, 1976.
- The Book of Common Prayer and Administration of the Sacraments and Other Rites and Ceremonies of the Church, According to the Use of the Protestant Episcopal Church in the United States of America, Together with the Psalter or Psalms of David*. New York: Oxford, 1928.
- The Book of Common Prayer and Administration of the Sacraments and Other Rites and Ceremonies of the Church, Together with the Psalter or Psalms of David, According to the Use of the Episcopal Church*. New York: Oxford, 1990.
- Borgen, Ole E. *John Wesley on the Sacraments: A Definitive Study of John Wesley's Theology of Worship*. Grand Rapids: Francis Asbury, 1972.
- Cooke, Bernard. *Sacraments and Sacramentality*. 1994. Mystic, CO: Twenty-Third P, 1997.
- Foley, Edward. *From Age to Age*. Chicago: Liturgy Training, 1991.
- Harmond, Noland. *The Rites and Rituals of Episcopal Methodism*. Nashville: Publishing House of the M.E. Church, South, 1926.
- Johnson, Todd E., ed. *The Conviction of Things Not Seen: Worship and ministry in the 21st Century*. Grand Rapids: Brazos, 2002.
- Jones, Scott J. *John Wesley's Conception and Use of Scripture*. Nashville: Kingswood, 1995.
- Marshall, Paul V. "Anglican Spirituality." *Protestant Spiritual Traditions*. Ed. Frank C. Senn. New York: Paulist, 1986. 125-64.
- Minger, Stacy R. "Preaching to Cultivate a Whole Person Response in the Practice of Stewardship." Diss. Asbury Theological Seminary, 1998.
- Phillips, L. Edward. "Creative Worship: Rules, Patterns, and Guidelines." *Quarterly Review* 10.2 (1990): 9-23.

Richey, Russell E. *Early American Methodism*. Indianapolis: Indiana UP, 1991.

Ruth, Lester. *A Little Heaven Below: Worship at Early Methodist Quarterly Meetings*.

Nashville: Kingswood, 2000. □---. "A Reconsideration of the Frequency of the Eucharist in Early American Methodism." *Methodist History* 34.1 (Oct. 1995): 47-58.

Saliers, Don E. *Worship Come to Its Senses*. Nashville: Abingdon, 1996.

Stepp, Todd A. "One in Christ: Around the Table, in Prayer, and Confessing Our Faith." *Sacramental Life* 15.2 (Spring 2003): 501-09.

Stevenson, Kenneth, and Bryan Spinks, eds. *The Identity of Anglican Worship*. Harrisburg, PA: Morehouse, 1991.

Wainwright, Geoffrey, and Karen B. Westerfield Tucker, ed. *The Oxford History of Christian Worship*. New York: Oxford, 2006.

Webber, Robert. *Ancient-Future Faith: Rethinking Evangelicalism for a Postmodern World*. Grand Rapids: Baker, 1999.

Welcome to the Church of the Nazarene: An introduction to Membership. Kansas City: Nazarene, 2002.

White, James. *The Sacraments in Protestant Practice and Faith*. Nashville: Abingdon, 1999.